

Marinho, Josephat

Cartas educativas

O fervor incessante de Babi Teixeira pela memória do pai proporcionou-me, afetuosamente, o livro *Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Organizada por Diana Gonçalves Vidal e publicada na Coleção Estudos CDAPH, a obra é um retrato da luta pela educação por um grupo de homens lúcidos e perseverantes. As cartas entre os dois traduzem o pensamento de um corpo de educadores, por intermédio de líderes eminentes. A identidade de idéias e de ação, que os orientava, lhes deu a condição de "pioneiros" de uma "escola nova", como instrumento eficaz de preparação para a vida.

Como eram inovadores a serviço da sociedade e não de parcelas políticas e privilegiadas, foram suspeitados, desprezados e perseguidos. A política paroquial, o pensamento conservador e sem visão da realidade social, a concepção totalitária do Estado e o radicalismo de facções religiosas forçaram por isolá-los. Era preciso afastar da escola a claridade que iluminaria as consciências em formação. A longa correspondência desses dois ideólogos e promotores experimentais da educação é um manancial de doutrina esclarecida e de lição de coisas. Sem subverter o estilo epistolar, dialogaram por anos sucessivos. Confessaram suas dúvidas e suas mágoas, reviram caminhos, concordaram refletindo e discordaram cortesmente.

O que primeiro desperta atenção, nessa estirada de conferência dos propósitos de educadores, é a fidelidade de ambos às diretrizes da escola pública autônoma e progressista. Sofriam e resistiam, embora cansados. Em 1950, ocupando cargo no Ministério da Educação, Anísio Teixeira desabafava: "Todos os dias penso em renunciar. Retém-me, talvez, apenas um senso estúpido de pisar nos espinhos, já que alguém terá que neles pisar". Já em 1970, Fernando de Azevedo, diante de conversa que tivera com Anísio Teixeira no Rio, no Hotel Serrador, em extensa carta lhe ponderava que nunca "decorreu a transição de uma civilização para outra sem graves crises, mais ou menos longas". E depois de assinalar que a ciência e a técnica "nada têm que ver com

a aplicação que delas fazem os homens", reanimou o amigo: "Não, meu caro Anísio, não temos motivos para perder as esperanças de um mundo melhor. Senão para nossos filhos, para nossos netos. E, de modo geral, para as novas gerações". Um e outro, amparando-se reciprocamente, ainda que aqui e ali desiludidos, cumpriam sua nobre tarefa de educadores de um novo tempo.

Outro aspecto relevante nesse diálogo de existências fecundas é a altitude de pensamento e de linguagem dos dois educadores. Não se perderam no estilo empolado e enfadonho, tão freqüente no largo período em que tanto permutavam idéias. Nem confundiram simplicidade com o emprego de expressões chulas ou grosseiras, já em crescendo, incompatíveis com a cultura e a ética de preceptores. No precioso volume de cartas tudo é simples, correntio e asseado. Não há ênfase, mas espontaneidade, elevação e clareza. Revelando, em 1971, a dificuldade sentida para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, por "um agudo senso de certa insignificação pessoal", Anísio informava: "Guardi de minha formação religiosa o sentimento de que viver é servir e nada mais esperar que o conforto desse possível serviço". No mesmo ano, com igual humildade, Fernando considerava a religião "um problema, e sem solução", abrindo a alma: "Estou entre os que esperam a graça da fé. Não a tive até agora, mas é possível que ainda venha a tê-la".

A humanidade, porém, não eliminava em nenhum deles a convicção do papel que lhes cabia na abertura de outros rumos para a educação nacional. Parece, assim, que Anísio Teixeira escrevia por ele e por Fernando de Azevedo, e não apenas para este, em 1950: "Temos que ser realmente uns sacrificados, talvez devido ao excesso de lucidez com que vemos a necessidade de educação do país".

Dessas, e de outras passagens semelhantes, brotam as mensagens de percepção real da vida e de solidariedade humana das duas singulares personalidades do magistério e da administração educacional do país. As cartas publicadas formam primoroso compêndio didático de filosofia prática da educação e de ensino objetivo para a democracia. Bom seria que mestres e estudantes lessem essas cartas exemplares.



POR
JOSAPHAT
MARINHO

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS

AS CARTAS PUBLICADAS FORMAM PRIMOROSO
COMPÊNDIO DIDÁTICO DE FILOSOFIA PRÁTICA DA
EDUCAÇÃO E DE ENSINO OBJETIVO PARA A DEMOCRACIA.
BOM SERIA QUE MESTRES E ESTUDANTES LESSEM
ESSAS CARTAS EXEMPLARES